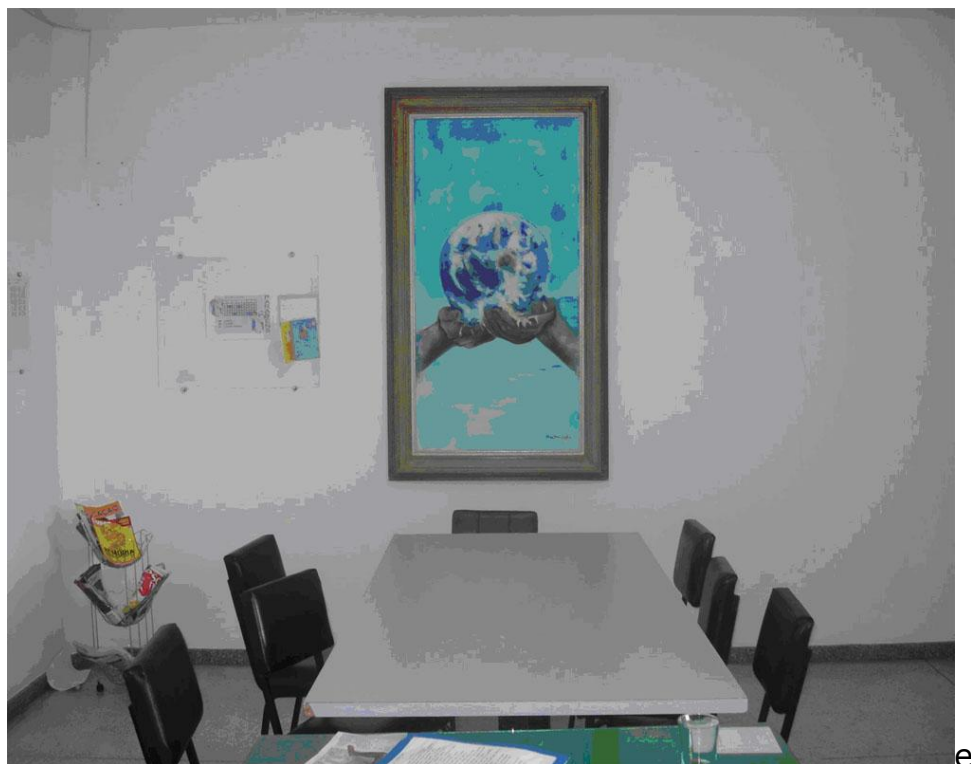


UMA IMAGEM

Uma senhora de sessenta anos *vilã* parceira da educação

José Américo Cararo



O quadro pintado que aparece na foto abaixo fica na sala dos professores de uma escola de ensino fundamental do município de João Neiva, norte do Espírito Santo. A imagem retratada no quadro é rica de significados, não apenas para a sociedade em geral, mas também a educação, a escola e os educadores que nela atuam.

As duas mãos segurando o planeta Terra nos impelem à ação ético-política do cuidar: de nós mesmos, dos estudantes que estão sob a nossa responsabilidade, da sociedade para a qual devemos formá-los, e do planeta, cuja situação socioambiental nos desafia a conceber, propor e potencializar outras formas de viver e produzir.

Embora não tenhamos conseguido conversar com a/o autora/or do quadro, a fim de compreendermos melhor a intencionalidade da obra,

reconhecemos que o uso desta imagem interpela àquelas/es que adentram a sala dos docentes. Recorre, desse modo, ao recurso imagético muito presente na sociedade contemporânea, sobretudo na mídia televisiva, que é o nosso foco de interesse aqui.

Há sessenta anos, mais precisamente no dia 18 de setembro de 1950, a televisão brasileira iniciava suas transmissões. Atualmente, mesmo com a massificação crescente do acesso à internet, esta mídia ainda é onipresente na sociedade brasileira, moldando o imaginário individual e coletivo, sendo uma referência comportamental e atitudinal para milhões de pessoas.

Conseqüentemente, esta mídia participa de forma expressiva dos processos de identificação e subjetivação dos estudantes que estão em nossas escolas. Por outro lado, na condição de telespectadores, os estudantes nem sempre se comportam passivamente, internalizando acriticamente tudo que vêem e ouvem na TV, mas enredam seus conteúdos com outras aprendizagens cotidianas.

Sem desmerecer ou ignorar o fato de que as/os professoras/es já enredam seus respectivos conteúdos disciplinares com alguns aspectos das mensagens televisivas, acreditamos que exista ainda um enorme campo de possibilidades para ações pedagógicas centradas naquilo que a TV produz e socializa.



Isso implica trazer para a escola e as salas de aula todo o repertório variado dos conteúdos televisivos, transformando-os num constante foco de pesquisa, submetendo suas cenas, diálogos, gestos, performances,

cenários, enfoques, frases de efeito, vocabulários, etc a problematizações que privilegiem leituras multilaterais e complexas de suas visões e enfoques, principalmente no que tange ao respeito às diferenças de gênero, raça e etnia, sexualidade, religião e outras.

A segunda imagem que registramos aqui é de um trabalho de artes sobre o grafismo indígena que decorava o corredor de uma escola de ensino fundamental de Cariacica, município da região metropolitana de Vitória. Ela destaca mãos lindamente coloridas, nos recordando que existe a tarefa sempre desafiadora, tanto para a escola quanto para a TV, de abordar e vivenciar a diferença, não como um fardo ou castigo que deva necessariamente afligir o ser humano, mas como um valor que nos enriquece mutuamente, que nos lembra que é na/o outra/o que nos completamos.

Por decorrência, é mais que oportuna a mediação docente, objetivando desnaturalizar esses conteúdos. Como já foi salientado, “[...] *a televisão é e será aquilo que nós fizermos dela*”. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa” (MACHADO, 2005, p. 12).

LEGENDA(S) DA(S) FOTO(S)

- Sala dos Professores
- Grafismo Indígena

REFERÊNCIAS

– MACHADO, Arlindo. *A televisão levada à sério*. 4. ed. São Paulo: Senac, 2005.

Sobre o(a) autor(a):

Professor Adjunto do Departamento de Educação, Política e Sociedade da UFES; pesquisador do Grupo de Pesquisa Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos do PPGE/UFES.